

disponibilità verso gli altri e fiducia nel futuro. Si trattava per lo più di un esempio implicito, che Luca indicava attraverso il suo operato quotidiano, ma che diventava esplicito quando gli si chiedeva un consiglio, che riguardasse un saggio scientifico o una questione di natura privata: si rivelava, allora, una disponibilità sollecita e pressoché inesauribile, sorretta da una capacità di ascolto fuori dal comune e dalla volontà di suggerire e orientare con genuina franchezza; quando, agli inizi della carriera universitaria, gli espressi le mie preoccupazioni sul futuro, mi spiazzò con questa risposta: «Userò una citazione evangelica: *Sufficit diei malitia sua*, che in italiano è comunemente reso con *A ogni giorno basta la sua pena*». Lo interpretai come un monito a non distogliere l'attenzione dagli studi e dagli impegni del presente e, insieme, un invito a guardare al futuro con minori angosce e con maggiore fiducia nelle mie possibilità.

Come tanti altri prima e dopo di me, da studente ero rimasto affascinato dalla sua straordinaria capacità oratoria: colpiva, oltre al perfetto controllo della dizione, la complessa articolazione sintattica del suo discorso orale, che riusciva però estremamente chiaro e cristallino e che manteneva viva l'attenzione dell'ascoltatore anche grazie a una garbata e intelligente ironia; ho un vivo ricordo di quando, per illustrare la differenza tra un timbro vocalico chiuso e uno aperto, Serianni fece notare che un conto era una *domanda da pórči* ‘da porre a noi stessi’, un altro *una domanda da pórči* ‘da maiali’. L’ironia caratterizzava ancor di più la sua conversazione privata, che, pur mantenendo la consueta compostezza, poteva aprirsi ai registri bassi e colloquiali e talvolta, con piacevole sorpresa dell’interlocutore, al turpiloquio; di questa sottile ironia era intriso il gioco che da molti anni si era instaurato nelle nostre conversazioni: quando una volta avevo mostrato di ricordare un dettaglio della sua infanzia, a cui aveva accennato tempo addietro (cioè che i nonni abitavano in via Valadier a Roma), aveva lodato la mia memoria, osservando divertito che sarei potuto diventare il suo biografo; da allora, per anni, mi ha raccontato dettagli della sua storia passata e presente concludendo ogni volta che «questo non poteva mancare al mio biografo»; e se ero io a richiamare un suo racconto, sottolineava compiaciuto: «del resto, sei o non sei il mio biografo?». Non lo faceva, naturalmente, perché volesse davvero che io scrivessi la sua biografia, ma per poter raccontare qualcosa di sé e della sua storia superando, con autoironia, l’imbarazzo di porsi al centro dell’attenzione al di fuori di un’occasione pubblica: l’umiltà era infatti un’altra delle doti di cui era ricco. Non sarà necessaria, d’altronde, una biografia di Luca Serianni per mantenere vivo il suo ricordo e operativo il suo insegnamento; Pasolini, uno tra gli autori del Novecento che Serianni amava di più, ha scritto che «la morte non è / nel non poter comunicare / ma nel non poter più essere compresi»: per Serianni e per l’eredità intellettuale che ci ha lasciato si prospetta una vita lunga e luminosa.

Emiliano PICCHIORRI  
Università “G. d’Annunzio” di Chieti-Pescara

MANUELA BARROS  
(1938-2022)

A nossa querida amiga e colega Manuela Barros (1938-2022) deixou-nos no dia 23 de julho do ano 2022. Se fosse viva, teria completado 84 anos no dia 8 de setembro.

Foi investigadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - CLUL (ex-Centro de Estudos Filológicos e ex-Instituto de Linguística), no grupo de Dialectologia, entre 1973 e 2001, altura em que se reformou.

Até 1987, foi Assistente de Investigação. Acedeu à categoria de Investigadora Auxiliar, nesse ano e, em 1996, passou a Investigadora Principal.

Nas suas palavras, o que representava para ela trabalhar na área da dialectologia, era «ouvir gente portuguesa para lhe anotar as falas e as pronúncias e deliciar-me com o mirandês». Tudo isto «fez-me amar as palavras».

Este amor pelas palavras, levavam-na a transportar consigo um caderninho, para cada inquérito em que participava, onde anotava todos os aspectos que a encantavam. Desde apontamentos lexicais e fonéticos, passando por desenhos de objectos de interesse etnográfico. Outro aspecto em que ela procurava recolher dados, estava relacionado com a literatura oral. Todos estes pequenos apontamentos revelaram-se de extrema utilidade quando se procedia à transcrição dos inquéritos, para os cadernos, no gabinete.

Entre 1973 e 2000, a Manuela participou em 107 dos 212 inquéritos para o *Atlas Linguístico-Etnográfico de Portugal e da Galiza* (ALEPG) e, entre 1974/75, em 17 inquéritos para o *Atlas Linguarum Europae* (ALE).

A Manuela pertenceu ao Comité de Redacção do ALE (1975-2008) e ao seu Corpo Editorial (1982-2004).

Entre 1991 e 1994 foi a responsável, em Portugal, pelos programas Erasmus dedicados à variação linguística, sediados em Gent.

Em 1995-1999, criou e coordenou a equipa que estabeleceu a Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa, o que levou ao seu reconhecimento como segunda língua oficial portuguesa, tendo criado, em 2001, um site, com fórum para discussão, para esta língua.

Para progressão na carreira de investigação, acesso à categoria de Investigador Auxiliar, apresentou, em 1987, a tese *Zoónimos dialectais portugueses: Coccinella septempunctata (joaninha) e Lampyridae noctiluca (pirilampo)* e, em 1996, um relatório de actividade para acesso à categoria de Investigador Principal.

Desde o aparecimento da abordagem motivacional nos estudos da Geografia Linguística, a Manuela revelou-se uma seguidora indefectível dessa metodologia, tendo publicado: «Coccinelle. Cartes de motivations. Commentaire XXX», in *Atlas Linguarum Europae. Commentaires*, Volume I, quatrième fascicule, pp. 99-199; Cartes, Volume I, quatrième fascicule, Cartes I.42, I.43, I.44, Van Gorcum, Assen / Maastricht, Pays-Bas, 1990 (trabalho realizado com Mario Alinei); «Ver luisant. Cartes de motivations. Commentaire XXXVII» in *Atlas Linguarum Europae. Commentaires*, Volume I, cinquième fascicule, pp. 195-252; Cartes, Volume I, cinquième fascicule, Cartes I.56, I.57, I.58, Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, Libreria dello Stato, Roma, 1997.

Participou igualmente, com os colegas do CLUL, em dois projectos da IBM Portuguesa: «Descrição exaustiva de formas pronominais clíticas hifenadas, adequadas a cerca de 5500 verbos» e «Dicionários de sinónimos» para programas electrónicos (1988-1992).

A sua longa e rica bibliografia ultrapassa largamente as dezenas de títulos.

Já depois de reformada, em Mértola, a Manuela coordenou uma equipa que procedeu ao levantamento bibliográfico exaustivo dos falares fronteiriços: *Língua e cultura na fronteira norte-sul (bibliografia)*.

Esta notícia ficaria incompleta se não fosse igualmente feita uma referência à Manuela, na sua vertente humana e social.

Antecipando o seu conhecimento futuro sobre a realidade portuguesa, nos seus aspectos geográficos e linguísticos, a Manuela, até aos seus 18 anos, altura em que entrou para a Faculdade de Belas Artes, no Porto, conheceu e viveu em vários locais do país.

Nasceu em Braga. Como o seu pai era bancário, foi-se deslocando, com a família, para os lugares onde ele ia sendo colocado. Aprendeu a falar em Ponta Delgada, S. Miguel - Açores. Seguidamente, passou por Cabeceiras de Basto, Guimarães (Braga), Mirandela (Bragança), Moura, Beja, Vila Real.

Em 1961, exilou-se com o marido Cláudio Torres, primeiramente em Marrocos e, seguida-

mente, na Roménia. Aí, foram locutores da Rádio Bucareste, durante 11 anos. Em 1973, regressou a Portugal, onde já se encontravam as duas filhas.

A Manuela, com a sua simpatia e amizade inigualáveis, conquistava toda a gente com quem se relacionava, sobretudo os seus informantes nos inquéritos linguísticos. Encontrava sempre um ponto de contacto que os entusiasmava a responder a tudo o que perguntava.

Para os amigos mais chegados, tinha sempre uma história divertida, real ou imaginada, e tinha um amplo reportório de anedotas. Isto, porque gostava de pô-los a rir e a ficarem bem-dispostos.

A Manuela ficará connosco para sempre!

Luísa SEGURA

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

Gabriela VITORINO

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

João SARAMAGO

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

FIORENZO TOSO

(1962-2022)

*No gh'ò ciù poule / che peuan dîme. // Desfato o mondo che conosco / un atro n'ò da fâ, con moen de vegio / e coe de figgioame. // Sento mancâ quarcosa. // A lengua. A taxe, / ma a lengua a l'è o mæ paiese. // Cosci' arresto / con l'anima ch'a l'anscia / into no dito / inta sprescia do veuo / e speto.*

Con questi versi, risalenti al 2016 ma riproposti nei primi giorni di settembre 2022 sul proprio profilo Facebook (dove in altri tempi amava scherzare, divulgare le proprie conoscenze e non di rado condividere riflessioni di vario genere con i molti contatti che lo seguivano), Fiorenzo Toso sembrava esprimere con straziante lucidità la consapevolezza del suo destino incombente, segnato da un male terribile e imprevisto che gli era stato diagnosticato solo pochi mesi prima. Nella tarda serata di sabato 24 settembre si spegneva così a Genova, ancora nel fiore della maturità, il rinomato filologo e dialettologo romanzo, conosciuto soprattutto per la solida reputazione —guadagnata con sudore in decenni di costante e infaticabile lavoro— di maggior studioso italiano di linguistica e letteratura ligure. A queste due particolari discipline aveva dedicato, con profonda passione ed estremo rigore scientifico, la sua intera esistenza fin dagli anni giovanili, contribuendo in maniera fondamentale e ineludibile ad accrescere e perfezionare (oltre che in buona misura a riorganizzare) il patrimonio di conoscenze di cui oggi disponiamo in materia.

Nato nel 1962 ad Arenzano, alle porte del capoluogo ligure metropolitano, sviluppò fin dall'adolescenza un fervido interesse per la storia, la cultura e soprattutto il patrimonio linguistico della propria regione di nascita. All'età di appena quattordici anni, subito dopo essere venuto a conoscenza della progettazione di un repertorio lessicale comparativo dedicato all'insieme delle varietà romanze tradizionali della Liguria (il futuro e tuttora fondamentale *Vocabolario delle parlate liguri*, annunciato quale *desideratum* in uno specifico congresso tenuto a Sanremo nel 1976), cominciò il proprio «tirocinio» (come lui stesso amava descriverlo) fungendo da raccoltitore di materiali destinati a confluire in quell'opera, legati anzitutto al proprio paese di nascita. Sulla scia

1. Non ho più parole / che possano dirmi. // Disfatto il mondo che conosco, / un altro dovrei farne, con mani da vecchio / e voglie da adolescente. // Sento che manca qualcosa. // La lingua. Tace, / ma la lingua è il mio paese. // Così rimango / con l'anima ad ansimare / nel non detto / nella fretta del vuoto / e aspetto.